

Conceitos fundamentais da Psicanálise

**Apresentação, leitura e comentários de
Seminários e Textos de Jacques Lacan**

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

12 - 20 de julho de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Leitura na página 33: *A semana passada...*

Estrutura de uma hiância. Função estruturante de uma falta. A função do desejo como falta-a-ser. Poderíamos pensar em Sócrates, sempre de acordo com Platão, como aquele que introduziu no campo da Filosofia o sujeito da alma. Encontramos ainda, posteriormente, em Aristóteles a proposição o homem pensa com sua alma.

Hiância - uma
função
estruturante

Intervenção – [...]

É verdade, essa referência à alma é para lembrar que faz pouco tempo que as mulheres passaram a ter alma, mulheres e índios. Até mesmo a alma existe como efeito de discurso.

Intervenções – [...]

De fato, você tem razão, deve haver um conluio entre filósofos e teólogos.

Intervenções – [...]

E aos negros e aos índios...

Intervenção – [...]

É mesmo, e ainda ensinaram-lhes a ler e a escrever, acabando com a cultura deles...

Mas tudo isso é para, mais uma vez, falarmos sobre a escrita, lembrando-nos, a propósito dos gregos, das resistências ao

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos.

escrever, na medida em que a escrita constituía-se em ameaça à memória, à oralidade.

Ontologia

Ontologia é o estudo do ser, pelo menos a partir de Parmênides e, claro, compreendendo questões no campo da Filosofia que ainda perduram, sem deixar de passar pela Literatura, bastando lembrarmos de Shakespeare com seu *to be or not to be, ser ou não ser*.

Intervenção – [...]

Sim, é um aforismo shakesperiano que segue Parmênides, para o qual o ser não pode não-ser. E Heráclito, vai nos dizer o que sobre isso?

Intervenções – [...]

*Falta-a-ser – a
função do desejo*

Bom, mas então perguntemo-nos sobre qual seria a relação disso com a Psicanálise. Há a noção *Sujeito*, fundamental para a Psicanálise, e sua relação com o objeto do desejo. *Falta-a-ser* aí se insere, nessa relação, desde Sócrates, pelo menos, na medida em que o desejo refere-se ao que lhe falta, ao que falta ao *Sujeito*. Só se deseja o que não se tem. Será assim mesmo? Aí, então, a função do desejo enquanto falta, falta-a-ser no caso: só se deseja o que não se tem.

Intervenção – [...]

*Semblant
do objeto*

Ah, perfeitamente, é o que em Psicanálise chamamos *semblant*, *semblant* do objeto.

Intervenção – [...]

Contrapõe-se a advir; o sujeito não advém como sendo formado em alguma coisa, mas é ser-de-falta, se assim podemos dizer, orbitando algo que lhe falta, que não lhe é inerente.

Intervenção – [...]

Sim, incompletude.

Intervenção – [...]

Evanescente.

Intervenção – [...]

Ah, sim, certo, quer dizer: para Heráclito estaria o devir. É, se

*O ser
parmenidiano/O
deixar heraclitiano*

contrapusermos Heráclito a Parmênides, para Parmênides haveria imutabilidade.

Intervenção – [...]

Se você se lembrar do número desse fragmento, diga-me, pois já tentei encontrá-lo.

Intervenção – [...]

É importante frisar isso, se considerarmos esse sujeito enquanto dessubstanciado, evanescente, como já firmado hoje aqui.

Intervenção – [...]

*O processo da
dessubstanciação
no sujeito e no objeto*

Poderíamos dar um sentido a isso, mantendo o que você disse, mas acentuando a permanência e a imutabilidade do desejo. O sujeito dessubstanciado mantém essa característica evanescente, mas o desejo não, ao contrário, mantém-se como permanente. Nesse sentido, o que se coloca para esse sujeito é esse desejo, ou seja, essa *falta-a-ser*, relacionado a esse objeto faltoso, faltante. Mas também não há concretude materializável para esse desejo; nesse sentido é também dessubstanciado. Nós constatamos, em nosso seminário anterior, ser esse desejo puro efeito metonímico na dimensão da fala e da linguagem. O que há de desejo é o que na metonímia vai se articulando na fala.

Intervenção – [...]

Sim, *paivão-pai vão* Mas o que se quer com um *paivão-pai vão*?

Intervenção – [...]

O termo *béance*

Essa palavra hiância não a temos em nossa língua, temos hiante e hiato, então como devemos traduzir *béance*? Podemos dizer ser o sujeito um sujeito hiante?

Intervenção – [...]

Sim, há hiato no sujeito, indicado, como já vimos, no tropeço na fala, aí onde esse sujeito vacila.

Intervenção – [...]

Manquer, manque, faltar, falhar.

Intervenção – [...]

Parlêtre Falasser.

Intervenção – [...]

Parlêtre/Falasser

É a castração em jogo, o falo.

Intervenções – [...]

*Três ensaios sobre a
teoria da sexualidade*

Primordialmente, poderíamos dizer, antes de mais nada, ser uma relação direta com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud. A falta como aquilo que falta à mãe, falta que oscila entre pênis e falo enquanto mantendo uma certa equivalência, além de representação no filho. Não seria, então, marcada, como a princípio parecia estar, com uma certa idéia evolutiva em direção a uma maturidade genital, mas compreendida, sim, como uma articulação puramente lógica no campo de uma estrutura, e estrutura linguageira, essa designação de uma falta enquanto aquilo que, para a criança, falta à mãe, estando a criança nesse lugar de falta, de falo. O *ser ou não ser*, tão caro à ontologia, advém, na experiência transferencial analisada, como *ser ou não ser o falo para a mãe*, isto é, ser aquilo que falta como significação última para o desejo da mãe, mas, decepcionada, não se vê como objeto último do desejo, pois há outro a receber o amor dessa mãe, o pai. Falta-lhe, então, ser, ser o objeto último do desejo. Apreende-se como *falta-a-ser*. Então, não se trata de algo etéreo, o desejo, mas localizável numa relação bastante concreta.

Continuação da leitura na página 33: *A hiância do inconsciente..*

Intervenção – [...]

Não é nem não não é.

Intervenção – [...]

A combinatória
via falta no Outro

Exato, é nesse sentido que nesse Outro há, necessariamente, uma falta, para que ele possa se articular em suas combinatórias. Ao conjunto falta um elemento, buscado na combinatória. Cada combinatória é articulada pelo conjunto em busca do elemento que lhe falta. É pela falta que há circulação dos elementos.

Continuação da leitura na página 34: *Evoquei a função dos limbos..*

Intervenção – [...]

...“*Acheronta
movebo*”

Trata-se de um verso na Eneida, de Virgílio, colocado por Freud na página-título no seu livro sobre os sonhos, e quer dizer mais ou menos o seguinte: *Se não posso abrandar os poderes celestiais, seguirei Acheronta.*

Intervenção – [...]

Não sei se devemos usar o termo Inferno em referência ao rio Acheronta. O Hades, creio, não foi, originalmente, o Inferno nomeado pelo cristianismo, mas sim o lugar embaixo, embaixo da Terra, para onde seguiam os mortos através do rio Acheronta. Era, então, simplesmente, o lugar dos mortos; estavam mortos para os vivos, não estavam mais entre os de *aim*, mas continuavam sua existência *embaixo*

Intervenção – [...]

Bem, podemos acentuar essa topografia, pensando em nossa Topologia, a Topologia da Psicanálise.

Intervenção – [...]

Não, não, era simplesmente o lugar onde os vivos continuavam sua existência depois quando mortos, quando não-vivos.

Intervenção – [...]

Gente boa. Lá, poderemos estar em boa companhia, na companhia recusada pelas Igrejas Cristãs. O que chamam céu parece ser um lugar chato, monótono, cheio de figuras angelicais. Reparemos na observação que segue.

Leitura do trecho: *É notável que o que se anunciava como uma abertura infernal tenha sido, na seqüência, também notavelmente asseptizado*

A descoberta freudiana traz uma proposição radical, a do Inconsciente, radicalizando toda a experiência humana, e, no entanto, seus discípulos mais próximos transformaram algo radical em alguma coisa amena, no campo de uma Psicologia qualquer, com uma vertente chamada Psicologia do Ego. Então, Lacan procura demonstrar que o Inconsciente freudiano passou por uma asepsia. Podemos, claro, indagar-nos, e quanto ao Inconsciente lacaniano, o que se passa?

O Inconsciente

*freudiano e a
Psicologia do Ego*

Intervenção – [...]

É curioso, não é? Como descobertas radicais e revolucionárias passam por um consumo que as consome.

Intervenções – [...]

Continuação na leitura da página 34: *Mas é igualmente indicativo..*

Intervenções – [...]

Se há alguma coisa que possa manter a Psicanálise radicalmente diferente de tudo isso é a manutenção de nossa atenção aos sintomas trazidos para análise. Só a fala do analisante é capaz de resguardar a Psicanálise em seu campo próprio, pois a Psicanálise está sempre correndo o risco de se tornar outra coisa, principalmente numa ideologia da moda.

Intervenção – [...]

Justo. Mas isso sempre acontece na escuta, desde que nos mantenhamos atentos aos fatos, mas enquanto fatos linguageiros; estes estarão sempre para além de nossas elaborações teóricas, sem haver necessidade de apelo às práticas de pesquisa metafísica e outras, enumeradas no texto.

*A fala do analisante
como episteme*

Então só a escuta pode manter a Psicanálise no âmbito do que lhe diz respeito.

Intervenções – [...]

Freud visava a uma estruturação de sua doutrina a partir da experiência do seu próprio método, mas nunca aquilo que, em Filosofia, se pode chamar de uma visão de mundo. Ao contrário, Freud sempre procurou afastar a concepção de uma visão de mundo, enfim, de alguma metafísica.

Intervenção – [...]

Sim, mas é importante, creio, a Psicanálise lida com inquietude, sendo buliçosa, por lidar com a experiência humana mais radical, a do desejo. Nenhuma ideologia é capaz de domar o desejo. É esse campo, o do desejo, que fará com que a Psicanálise se mantenha em seu campo. É no que podemos apostar, impedindo-nos de nos acomodar em qualquer ideologia ou submissão. Numa análise, o que está em jogo é o desejo, e o desejo é absoluta e absurdamente

Desejo- o objeto da Psicanálise

indomável. Há possibilidade de certa amenização para o mal-estar provocado por desejos conflituosos, conflitantes, seja na Religião, numa ideologia filosófica e/ou política, na Arte, na Literatura, nos Esportes, enfim, numa gama de atividades massificadas e individualizadas, mas quando nada disso satisfaz às exigências do desejo e a vida se torna problemática, atingindo certos limites de tolerabilidade, há a Psicanálise. Aliás, por vezes ouvimos alguém nos dizer já haver tentado de tudo, só lhe restando tentar *terapia*. Enfim, o tratamento psicanalítico é também buscado em muitas situações dessa natureza, de tentativa última, de *resto*

Intervenções – [...]

Há aí um contraponto possível. Quando, por exemplo, foi usado, há pouco, o termo pura, imediatamente associável à Filosofia pura; ou seja, quando é que, no campo filosófico, alguém pode ser considerado filósofo? Quando – não sei se na Matemática é assim também –, se for capaz – aí há algo hegeliano nisso – de retomar toda a história do pensamento filosófico, no seu ponto de abordagem, mas sem estar fora desse percurso histórico. Retoma, então, toda a História da Filosofia, para, no cerne desse mesmo movimento, apresentar algum novo elemento. É filósofo por estar no contexto do filosófico em sua historicidade. Está, no caso, fazendo, construindo o que se pode chamar Filosofia pura. Nesse sentido, se trouxermos tal exemplo para o campo da Psicanálise, sendo a Psicanálise muito recente, qualquer discurso, o da Psicanálise também, está relativizado à sua época. Não dá para descontextualizar um discurso, estando contextualizado com os elementos que a época pode fornecer, para que seja um discurso consistente. O que Lacan nos propõe, de algum modo, e de todos os modos que lhe foram possíveis, é o de manter os fundamentos da Psicanálise conforme foram propostos por Freud, relendo-os com outros instrumentais além daqueles da época em que Freud operacionalizou e teorizou suas descobertas. Podemos, sim, indagar-nos, se, de fato, Lacan trouxe alguma coisa além do que Freud já havia trazido. Lacan metaforizou Freud. Existem muitos leitores de Freud que lêem Freud como se lê um texto sagrado, *ipsis literis*, repetindo suas palavras – mesmo mal traduzidas – numa repetição mântica. Esse literalismo é erroneamente chamado ortodoxo, quando, na verdade,

*A historização na
manutenção dos
fundamentos
freudianos*

chamam ortodoxia ao literal. Mas ortodoxo é justamente manter-se na boa norma dos fundamentos, implicando, claro, uma leitura de Freud ao pé-da-letra, mas em todos os sentidos possíveis à letra. Lendo Freud, observamos que Antropologia ele usou, que Arqueologia era concebida na época, quais os princípios da Termodinâmica, da Matemática, da Filosofia, da Filologia que ele empregou etc ; então, podemos nos perguntar sobre as mudanças ocorridas nessas áreas, bem como sobre as novas áreas afins ao nosso trabalho, como a Lógica, a Topologia e a Lingüística, por exemplo, fundamentais no trabalho de releitura de Freud conduzido por Lacan. A sua proposta é, então, a de retorno aos fundamentos freudianos, e retornar com o uso de todos os recursos disponíveis no campo da Cultura, formalizando as descobertas freudianas, evitando a ideologização, sobretudo a da própria institucionalização da prática clínica.

Intervenções – [...]

Sim, claro, esses construtos teóricos são absolutamente imprescindíveis. Como seria possível pensar, por exemplo, uma Matemática ideologizada? Ou uma Lógica dependente de alguma ideologia? Podemos discutir detalhes de proposições lógicas, suas articulações, mas subordiná-las a alguma ideologia, isso é impossível.

Intervenções – [...]

Então, podemos falar em Psicanálise pura, como há uma Filosofia pura, como há Lógica e há Matemática. O que não quer dizer que não seja *i-munda*, estando, portanto, aí, no mundo, pertencendo ao mundo, à Cultura. Psicanálise é Cultura.

Psicanálise pura

Continuação da leitura na página 34: *Certamente que...*

Intervenção – [...]

Bem, podemos considerar os avanços de Freud em sua atenção aos fatos, acima de tudo os fatos; para ele, são o real de tudo, independentemente de qualquer ideologia, científica, filosófica ou religiosa. Então, quando algum de seus discípulos mais próximos trazia alguma idéia, como telepatia, por exemplo, Freud examinava. Havia, creio, não sei se ainda há, um espírito na cultura européia diferente do pragmatismo

Os fatos

inglês, por exemplo, um espírito mais voltado também para certos aspectos culturais revelados em crenças e credences. Freud, então, mantinha seu espírito de investigação diante de certas manifestações fenomênicas ou discursivas, mas sempre sob o crivo de um racionalismo muito elegante.

Continuação na leitura da página 34: *Seguramente não é..*

Intervenção – [...]

Há - não lhes parece? - uma distinção entre objetos e objeto. Objetos são-nos oferecidos a todo instante na nossa sociedade, sociedade que é de consumo, como dizemos, limitados ao crédito disponível. Há, no entanto, o objeto, em toda a sua singularidade, referente àquele que atenderia à completude, à significação última de todas as coisas, aquele que falta para dar sentido pleno à existência, o falo, inexistente, afinal de contas. Estamos sempre diante de objetos parciais, fantasmáticos, obscuros, velados.

*O objeto
fantasmático*

Continuação da leitura na página 35: *Retornaremos a tudo isto..*

Intervenção – [...]

A ética proposta pela Psicanálise está formulada num outro aforismo lacaniano: *Não ceder ao desejo*. Em relação ao assim nomeado princípio de prazer por Freud, Lacan considera que o princípio de prazer é que cesse o prazer, enquanto o princípio de realidade é manter tais prazeres. O prazer, então, estaria na sua cessação, e a realidade na sua manutenção.

*A Ética da
Psicanálise*

Intervenções – [...]